



NAS CATACUMBAS
Catecumena que se dirige à instrução
religiosa

(Fot. de Braz de Carvalho)

DIRECTOR E EDITOR,

Joaquim Antonio Pereira Villela

Braga, 19 de Maio de 1928

NUMERO 324 — ANO VII

Composta e impressa na Tipografia da «PAX» — Braga

PROPR'IDADE DA EMPREZA

DA «*Illustração Catholica*». L.^{da}

Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

PORTUGAL :

Ano	60\$00
Semestre	30\$00
Trimestre	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despeza

COLONIAS :

Ano	64\$00
Semestre	32\$00
Trimestre	16\$00

ESTRANGEIRO :

Ano	80\$00
Semestre	40\$00
Trimestre	20\$00
Numero avulso	1\$50

*Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á
Administração da ILLUSTRACÃO CATHOLICA — BRAGA*

Telefone, 212

Automoveis e
Camionetes

Rugby

**Os carros preferidos pela sua elegancia e
modicidade de preços**



STAND RUGBY

Avenida da Liberdade, 32



BRAGA

Casa Editora Catholica

LIVRARIA, PAPELARIA, ARTIGOS RELIGIOSOS
Armenio Sotto Mayor

Rua Candido, Reis, 104 — (Antiga R. dos Chão) **BRAGA**

Livros de missa com encadernações simples ou de luxo, livros literarios e escolares, variado sortido de papelaria, objectos para escritório, bilhetes postais ilustrados, etc.
Completo sortido de imagens de massa comprimida e de BISCUIT, pias para agua benta, lampadas, placas, terços, cruxifixos, medalhas e estampas de variados preços.
Encarrega-se do fornecimento de todos os objectos para as Igrejas, como paramentos, vasos para sacrário, lampadas, serpentinas, castiçais, velas automaticas, velas de cêra, etc.



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA

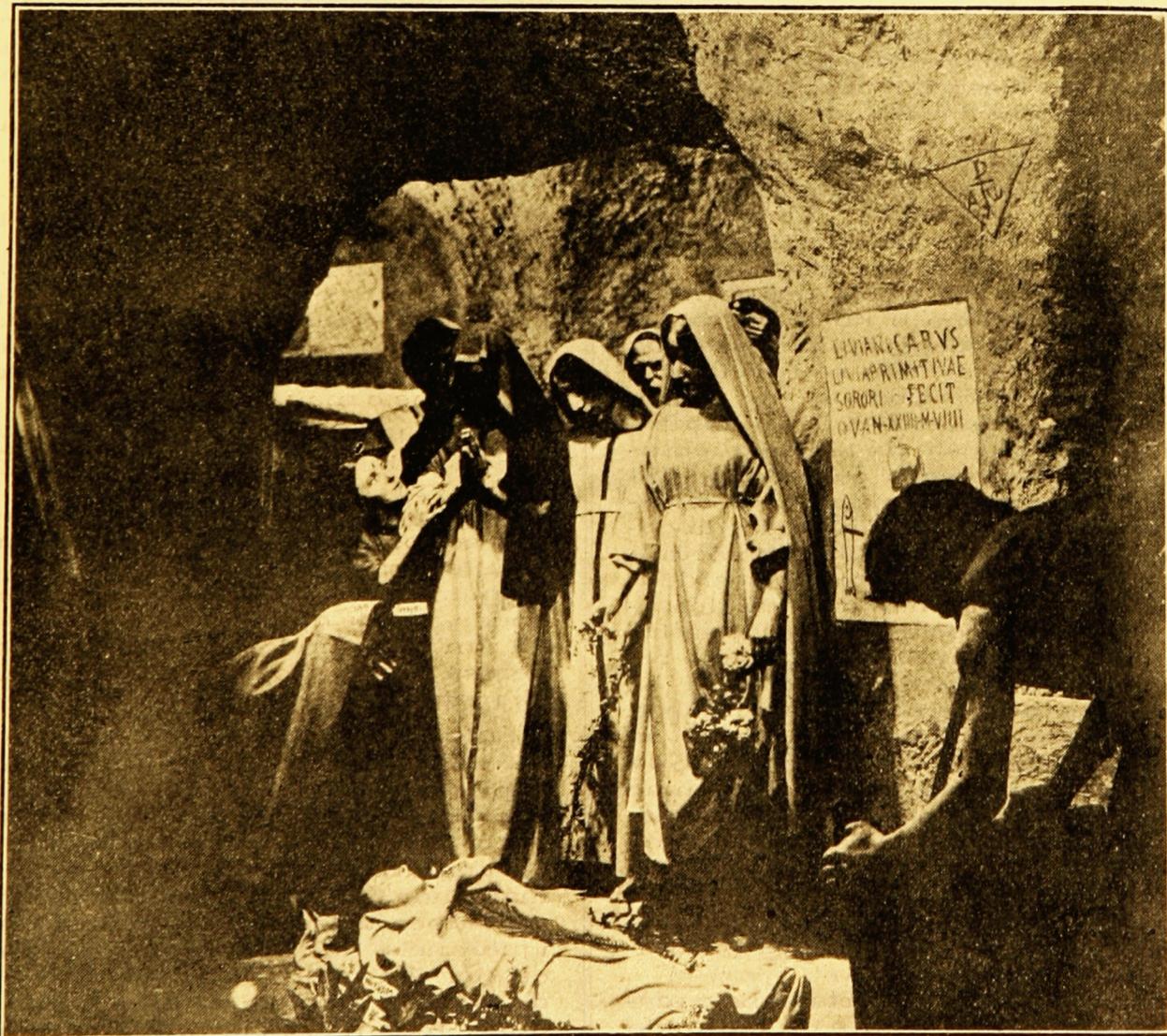
Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º
Propriedade da Empresa «Illustração Catholica», Limitada

Braga, 19 de Maio de 1928

Composta e impressa na Tip. da «PAX»
BRAGA

Anno VII — N.º 324



NAS CATACUMBAS — As homenagens funebres
a uma martir

(Fot. Braz de Carvalho)

VARIOS jornais portuguezes referiram-se ultimamente ao proximo *fim do mundo*. Estava marcado para o dia 28 de maio corrente, segundo a sabia interpretação de entendidos nas sciencias occultas, mágicos que leram os segredos da Grande Pirâmide, e fizeram nela a descoberta da fortíssima convulsão que há-de assombrar os habitantes de Marte, porque os da Terra não terão tempo de tais assombros: vamos todos ficar como uns passarinhos. São sinais dos Tempos.

Já sabiamos, desde tamaninos, que a Grande Pirâmide era uma prova dos altos conhecimentos dos egipcios há uns 6000 anos. Orientada pelo meridiano, determinando com as normais dos lados da sua base e as projecções das suas arestas um perfeito sistema geodesico, marcava um metro mais certo que o de plalina de Paris. E com esses factos notaveis da historia das sciencias outros muitos, que é ocioso repetir.

Ficamos, pois, desde pequeninos, tendo uma veneração espantosa pela Grande Pirâmide, e por todas as outras Pirâmides. Mas um dia Lord Curzon violou o tumulto multiseccular de Tut-Ank-Amon: os partidarios das sciencias occultas proferem terríveis ameaças, e o Lord, victima disseram eles, dos esconjuros misteriosos dos magos de há cincoenta seculos, ou de uma gripe infectiosa, na opinião mais veraz dos medicos, morre pouco depois da notavel descoberta.

Um desses sabios de barrete em forma de cartucho de mercearia, que tanto pode discretar de Sinais dos tempos como do pentagono e do tetragrama, fez então uma descoberta interessantissima. As pirâmides, não só revelavam o diametro da terra e o valor de *pi*; revelavam-nos, tambem, todo o futuro. Os seus hieroglifos e as linhas quebradas dos seus internos corredores, diziam-nos, tim-tim por tim-tim, toda a historia do globo. O mago aludido, da geração dos que Faraó tinha na côrte e com os quais tanto brincou Moisés, deunos a chave da sua monumental descoberta: é uma especie de *petipê*. E assim como sobre um mapa se applica uma regua graduada, e dizemos sem errar os quilometros que nos separam de Lisboa ou da Bessarabia, assim tambem se applica a não sei que secção vertical da Camara do rei, da rainha, foi ao mar buscrr sardinha, a chave mencionada, e pronto, ficamos sabendo que Alarico tomou Roma em 410 e que a grande guerra estalou em 1914. Forçosa, iniludivelmente. Ler tudo isso na Pirâmide, foi realmente uma descoberta piramidal!

Mas, oh pavor dos imortais. Este metodo «scientifico» da leitura da Pirâmide revelou-nos tambem outro e mais grave successo: o «fim do mundo» em 28 do corrente Maio, segundo a opinião de não sei que sabios pyramidologos, estrangeiros e nacionais.

Esta agora era mais grave, porque, se o mundo, realmente, tivesse que acabar nesse dia, lá se iam os festejos que estão sendo preparados para solenizar o segundo aniversario da Ditadura, visto não sabermos ao certo a que horas seria o fim do mundo, se ao nascer o sol, ou só depois da parada militar.

Desta vez os artrologos foram condescendentes, decerto por influencia e dedicação do poligrafo portuguez que se dedica a esses estudos de predições cabalisticas. O grande acontecimento foi adiado, em homenagem ao sr. General Carmona. O fim do mundo já não será ne dia 28 de maio. Os cabalistas, complacentes, adiaram o fim do mundo para o dia seguinte, 29. Assim, poderemos gosar em paz o feriado nacional, por favor certamente da cabalística portuguesa dos Sinais dos tempos, que é muito patriota e temente a Deus.

Já aludimos à morte desastrosa de Lord Curzon. E' bem saberse que, a seguir, fenomenos inauditos se desenrolaram na sua residencia: moveis partidos, reposteiros rasgados, uma infinidade de sucessos extranhos que a pacovia superstição de gentes ilustradas classificou de acção de poderes occultos, já que da tal pirâmide se desbordou uma infinidade de poderes occultos qual mais incorrecto e malfazejo, em castigo da curiosidade dos egiptologos.

A policia inglesa, porem, que pelo que parece é extremamente sceptica, descobriu porem outra causa nos fenomenos parapsiquicos ou lá o que é. Tratava-se, pura e simplesmente, da garotice de um criado de Lord Curzon, que por essa forma se lembrou de criar trechos pavores, nos espiritos ilustrados de cabalistas e magos modernos.

E eis de jacto destruido o edificio piramidal das interpretações, porque eram exactamente aduzidos tais fenomenos para comprovar o misterio de que se rodeia o significado da Pirâmide, e da leitura nela feita de profecias mais ou menos abracadabrantes. E, por este andar, temos que deixar adiado *sine die* o tal fim do mundo, transferindo por generosa concessão, do dia 28 para o 29 de maio.

Gente de espirito sereno e sensato de razoavel instrução, não faz caso de suprstições nem desses vãos receios, mas o que é peor é que nos jornais vem por vezes, tratados a serio, assuntos de esta natureza, e não para mostrar a sua inanidade. E' uma sementeira de pavores supersticiosos, um ludibrio feito à ignorancia do povo: é um verdadeiro crime. O mundo, — a nossa Terra — há-de acabar um dia, de uma forma qualquer, mas nada faz prever que esteja para breve o desenlace fatal. Podem os nossos amigos descançar à vontade: consintam ou não os novos «egiptologos» teem que adiar o fim do mundo por alguns seculos mais,...

QUADROS DE LISBÔA

Um novo poeta

Luís Sacramento

E' bem pequeno em territorio o nosso Portugal, mas em alma poetica pode-se egualar ás maiores nações.

Terra de Herois e de Santos como atestam as paginas da nossa Historia, cujas almas nos campos das batalhas e na elevação mistica, ficaram provadas em letras de ouro na sucessão dos seculos, tambem no campo difficil e ingrato das letras, possui nomes notáveis, onde abundam os Poetas, como constantes trovadores da nossa sentimentalidade e das coisas belas da Patria!

De vez em quando surge um Poeta, um cantar dos encantos de Portugal, e atravez das suas rimas dedilhe, cheio de emoção, hinos de louvor a tudo, que é nosso, a esses pequenos nadas da vida mas que formam junto de nós esse carinhoso ambiente que é tudo para o nosso sentir, meio de ternura, meio que nos fala constantemente a tudo que é mais caro na nossa existencia.

Venho hoje falar, aos meus caros leitores, de um novo poeta que lançou no ingrato mercado dos livros a sua *primeira obra*, à qual deu o nome singelo e simples e ao mesmo tempo encantador de — *Cesto de Cravos*.

Não venho apresentar o nome, pois este joven poeta sr. Luís Sacramento. entrou no campo das letras pelas mãos dum escritor insigne que lhe prefaciou a obra, o sr. José Agostinho.

Se venho falar hoje de Luís Sacramento é porque devemos patrocinar sempre a estreia de um escritor, demais quando ele tenha talento e grandes disposições a cantar e a exteriorisar toda a vibração da sua alma.

Tão nosso ainda vemos pelos seus versos um analista da alma humana; as suas quadras são parcelas do que o auctor sente perante a mais insignificante emoção da vida, e em regiões de beleza consegue atrair a imaginação de quem leia a sua delicada obra.

Cesto de Cravos, é um livrinho que se lê com prazer, com aquêl enlevo que sempre desperta por exemplo um

minueto do divino Mozart quando tocado num *cravo*, na atmosfera tranquila de um salão antigo de sala fidalga.

São paginas ainda nascidas de uma alma poetica que começa a desabrochar, como uma rosa aos primeiros raios de sol em quentes madrugadas.

Li este *Cesto de Cravos*, apenas o correio m'o entregou; seu ar modesto, simples, a fingir que pouco vale, deu-me logo boa impressão de talento de quem o assinou.

Luís Sacramento vivendo em Espinho, afastado dos grandes centros, dos literatos de cafés, da onda de invejosos que colocam peias e dificuldades a todas as vozes de talento, vive numa especie de recolhimento claustral apenas quebrando pelo sussurro das vagas do oceano, no seu eterno dialogar com as areias e com as rochas.

Diz José Agostinho que é uma estreia, portanto uma vacilação comovente.

Tem razão o illustre escritor, se ainda encontrarmos paginas, talvez um pouco debeis, temos outras que denotam um significativo talento poetico.

Eis algumas *quadras* do seu *Cesto de Cravos*



LUÍS SACRAMENTO

«A linda côr que escolheste
Para cobrir o teu rosto,
E' a do branco setim
Que veste o luar de Agôsto!»

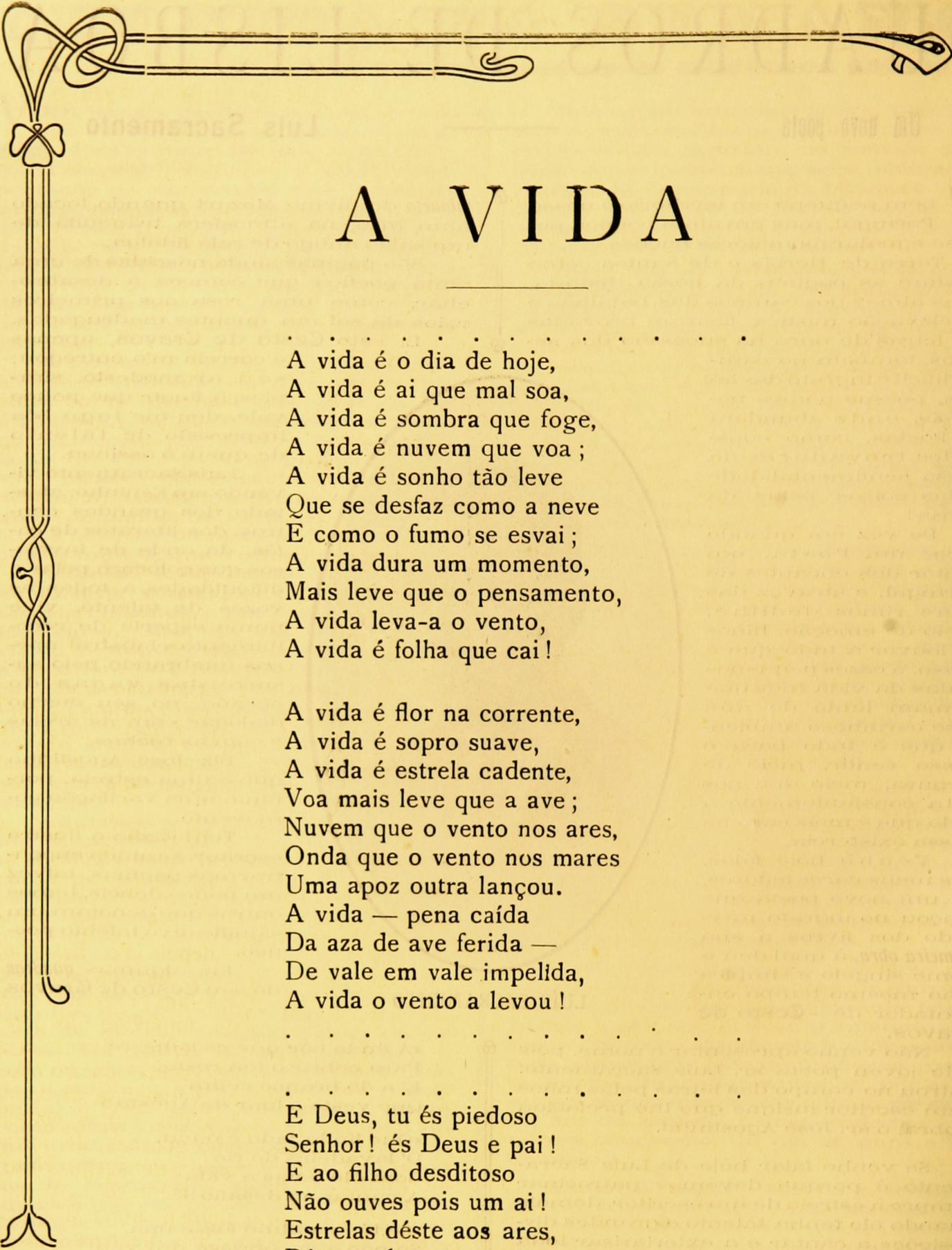
«Que lindo fado é o teu,
O' lavadeira do rio:
Com êle levas a vida
A cantar ao desafio!»

«Se tôda a almo fôsse nua,
Se não a encobrisse um véu,
A gente via mais chagas
Do que estrelas ha no céu,..»

Lá por te roubar dois beijos
Eu não mereço a prisão.
— Quem rouba a quem já roubou,
Tem cem anos de perdão, —

A edição deste livrinho é muito interessante e a capa um lindo trabalho de Americo Tavares.

Lisboa — Abril ALFREDO PINTO (SACAVEM)



A VIDA

.....
A vida é o dia de hoje,
A vida é ai que mal soa,
A vida é sombra que foge,
A vida é nuvem que voa ;
A vida é sonho tão leve
Que se desfaz como a neve
É como o fumo se esvai ;
A vida dura um momento,
Mais leve que o pensamento,
A vida leva-a o vento,
A vida é folha que cai !

A vida é flor na corrente,
A vida é sopro suave,
A vida é estrela cadente,
Voa mais leve que a ave ;
Nuvem que o vento nos ares,
Onda que o vento nos mares
Uma apoz outra lançou.
A vida — pena caída
Da aza de ave ferida —
De vale em vale impelida,
A vida o vento a levou !

.....
E Deus, tu és piedoso
Senhor ! és Deus e pai !
E ao filho desditoso
Não ouves pois um ai !
Estrelas deste aos ares,
Dás perolas aos mares,
Ao campo deste a flor,
Frescuras das às fontes,
O lirio das aos montes,
E tiras-ma, Senhor ! . . .

JOÃO DE DEUS.

GRANJA . . .

Que pena que o comboio demorasse tão pouco!

A estação do caminho de ferro é uma preciosa peça de faiança. Sévres ou Limoges? E toda a povoação é assim. Policro-



das rosas sóbe num orfeon que os olhos ouvem . . .

Granja é um verso perfumado e vivo e quasi malicioso de Campoamor.

E' um sorriso feliz. Sonha e faz sonhar.

*

Espinho . . .

Mais sizudez, menos garidice. Um certo ar de sofrimento. Pensa e faz pensar.

O sorriso despreocupado da Granja, que me acompanhou no comboio, veio arrefecer aqui — e fêz-se carantonha.

Não que Espinho não seja linda; mas a tragedia da sua vida mortificada fala por ela, creou-lhe uma tradição que se fez ambiente. O Mar creou a assim tão linda, de entre mimos; cobriu-a de canções e de *beijos* . . . Mas ao depois, namorou-se d'ela e começou a devoral-a, novo Saturno.

E a gente deixa Espinho com pêne: é um *espinho* que, *malgré* nos, se nos crava no coração . . .

*

Ao depois de Espinho, os pinhais formam exercito sem fim, — um exercito que, avançado impavido do interior das terras, avança em contínuas vedêtas para o Mar. Casinhas vermelhas, divorciadas umas das outras espreitam, como guaritas de fortaleza, entre a ramagem. Noto-lhes um ar medroso . . . A paisagem perdeu agora a graça e a côr. São planicies, em ar de cansaço, escondidas no pinhal enorme — entre o seu distante e o mar que regonga ameaças . . .

— Meu Deus! Tardará muito Ovar?

*

Ovar . . .

Um pregão de «*ovos-moles*» doces, numa voz mais doce ainda. Como são ale-



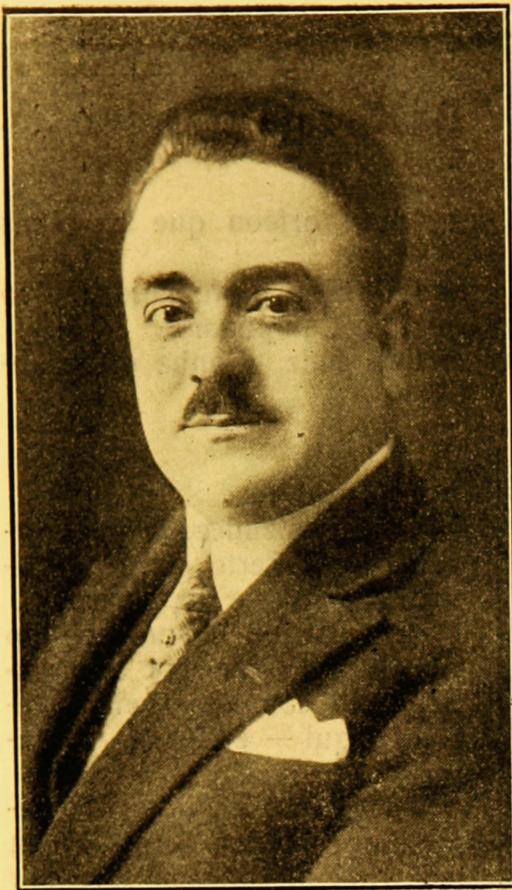
SEJÂES — Oliveira de Frades — Um tipo que não parece feminino

(Fot. Teijo)

ma e nova, acabada de sair das mãos do oleiro-artista, que tambem é artista-pintor . . .

Jardins de uma frescura inegualavel, onde arrulham águas, e o colorido variado





HUMBERTO LIMA

nooso obsequioso e distincto
colaborador

gres as «varinas»! Como são
esbeltas as «tricanas».

— «Puro sangue celta! —
declara o Brochado. Acredito.
Magister dixit...

Não sei por quê, Ovar deu-
me uma impressão de melanco-
lia, não obstante o aspecto
agradavel da paisagem.

— Eu sei o que foi: o sor-
riso aberto da Granja chegou
aqui atenuado pela tragedia de
Espinho.

*

Estarreja...

Tantos outeirinhos defron-
te ao Mar!

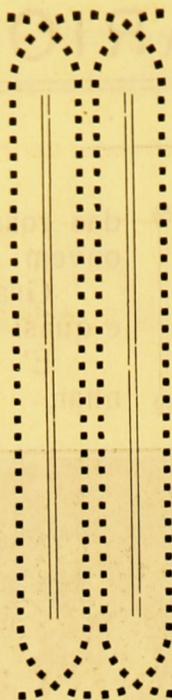
E o Mar, nestas paragens,
começa a estender os braços
timidos para a terra. Em Avei-
ro é que ele, perdendo a timi-
dez, os estende pela terra dentro.

Depois veem as planicies
bêbedas de agua, os arrosais a
perder de vista...

— Olha o Vouga!

Meu velho conhecimento:
afilhado de Antonio Correia de
Oliveira, que m'ò apresentou
ha que tempos...

*



Aveiro!

Cá estamos. A cidade estende-se a meus
olhos, numa deliciosa mancha... reaciona-
ria. E' que me aparece pintada a duas côres:
azul e branco...

Que linda, a estação! Tambem já co-
nhecia: fora-me apresentada pela irmã que
tem na Granja...

Aveiro, V-928.

TEIXEIRA PINTO.

As verdades escritas só nos im-
pressionam quando elas confirmam as
nossas experiencias pessoais.

Dranmor.



CAMPIA — Oliveira de Frades — A Fernandinha Duque,
veste-se de Minhota

(Fot. Teijo)

A LUZ

E a luz resplandece nas trevas,
mas as trevas não a compreenderam,
Evang. de S. João, I, 5.

A luz é a mais bela criação do Omnipotente.

Que seria o mundo sem luz? um montão de tesouros inúteis e de maravilhas perdidas, como as que se acham ocultas nas entranhas da terra.

E' com a luz que as formas aparecem, que as substancias tomam côr, e que a existencia do universo se revela.

Deus criou a luz em duas palavras: *Fiat lux.* « Que a luz seja e a luz foi, disse S. João; mas, acrescentou ele, as trevas não a compreenderam ».

Isso não admira: as trevas não compreendem a luz, ou não se apropriam à luz, como o frio não se adapta ao calor, como a morte se não acomoda à vida.

Ambas se repelem: onde uma existe, a outra não pôde existir; quando uma nasce a outra desaparece; e daí vem o implacavel odio dos espíritos das trevas contra os espíritos da luz.

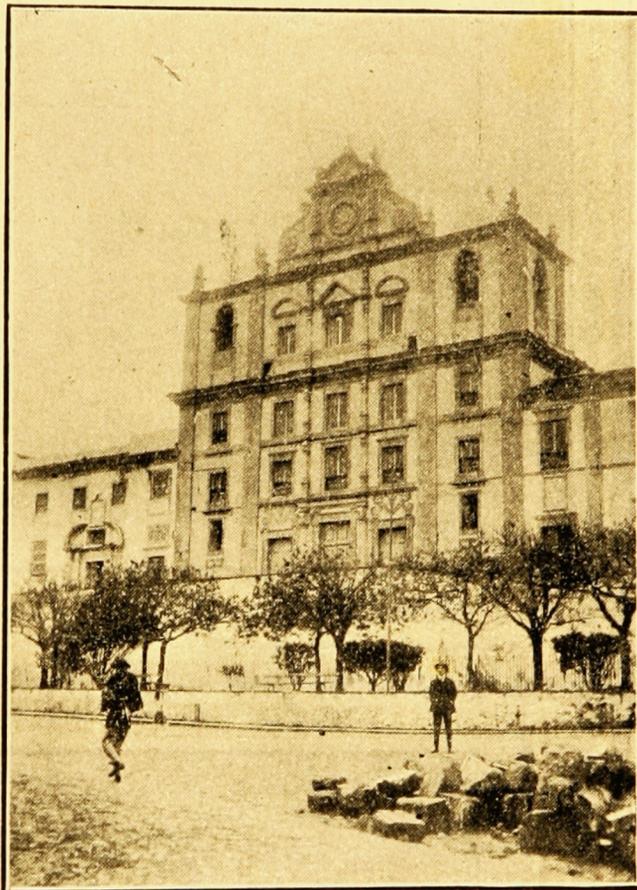
A presença da luz devia alegrar a natureza inteira. Não succede, porem, tal. Ha olhos a quem ela ofusca, porque há entes enfermos ou doentes que, logo que a luz aparece, fogem, dando gritos funebres; assim é o mocho quando o dia entreapparece no horisonte, e assim é o morcego quando um raio de sol entra no esconderijo onde foi procurar a continuação da noite.

A verdade é a luz da alma. Quer Deus que esta luz esclareça todo o mundo.

Chama-se luz, por extensão ou figuradamente, a tudo o que contribui para derramar a luz: o facho, o candelabro, a lampada, o simples rolo de cera, são luzes. E, com efeito, nenhum desses objectos serve senão para esclarecer ou alumiar.

Chama-se tambem luz, moralmente, aos espíritos que tem consumido a

vida em difundir a verdade, ou aos que tem falado ou escrito ácerca de assuntos difíceis e obscuros, para os elucidar e comentar. Rousseau é uma luz do século XVIII; S. Tomaz de Aquino foi uma luz das escolas; Escobar foi uma luz dos jesuitas; Spinosa foi uma luz do século XVII; o padre Antonio Vieira pôde-se tambem dizer que foi uma luz do pulpito sagrado.



FAIAL — Horta. — Egreja Matris, que pouco ou nada sofreu com o Tremor de terra.

(Cliché Fot. amador Humberto Lima)

Os instrumentos que servem para propagar a luz podem servir igualmente para propagar o incendio. Tais são as fogueiras com que a inquisição soube esclarecer e incendiar a Hespanha pelo longuissimo espaço de tres séculos; e tais são os fachos que levavam nas caudas as tresentas rapozas que Sansão lançou nas vinhas dos filisteus.

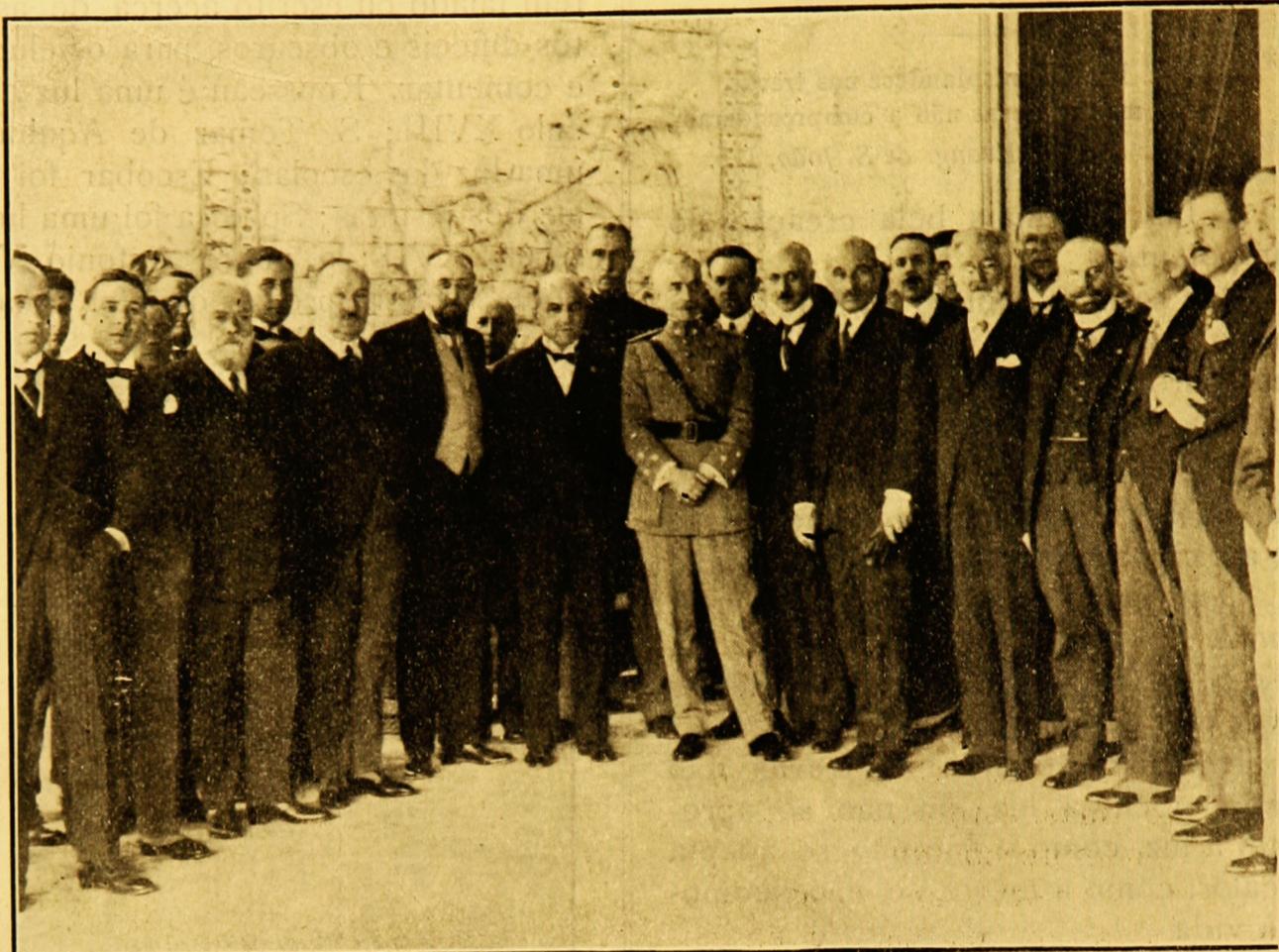


Os homens sensatos são os melhores dicionarios de conversação.

Goethe.

O dinheiro tem matado mais almas do que o ferro tem matado corpos.

Walter Scott.



LISBOA — Os Congressistas de Medicina visitam o Snr. Presidente da Republica

(Fot. A. Salgado)



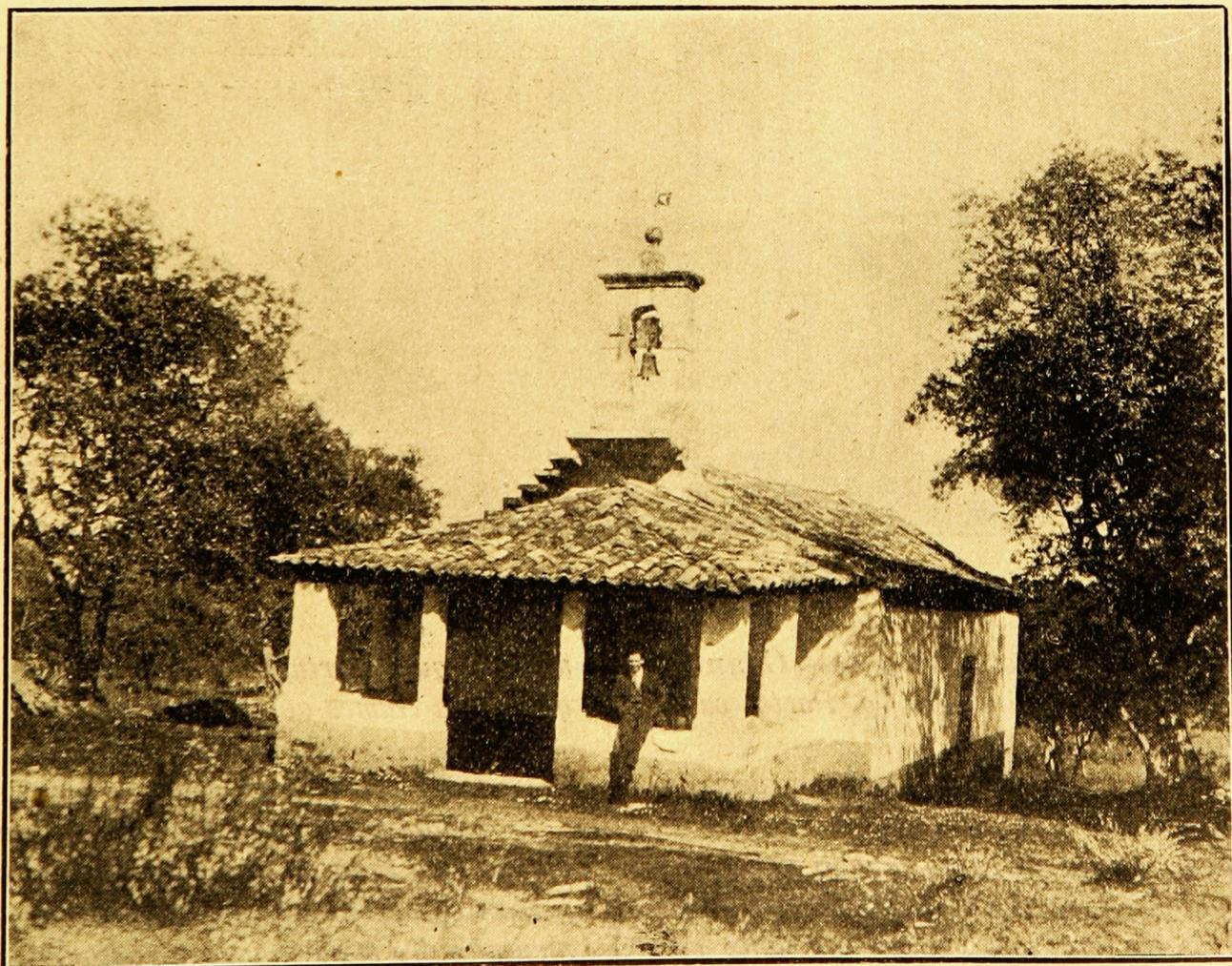
LISBOA — O Ministro sul-africano Mr. Malón e outros delegados da União que vieram negociar um acordo com Moçambique

(Fot. A. Salgado)



OLIVEIRA DE AZEMEIS — Festa e procissão de N. S. de La Salette

(Fot. de Arnaldo Miller)



WISEU — Repêres — Capela de Santa Eulalia

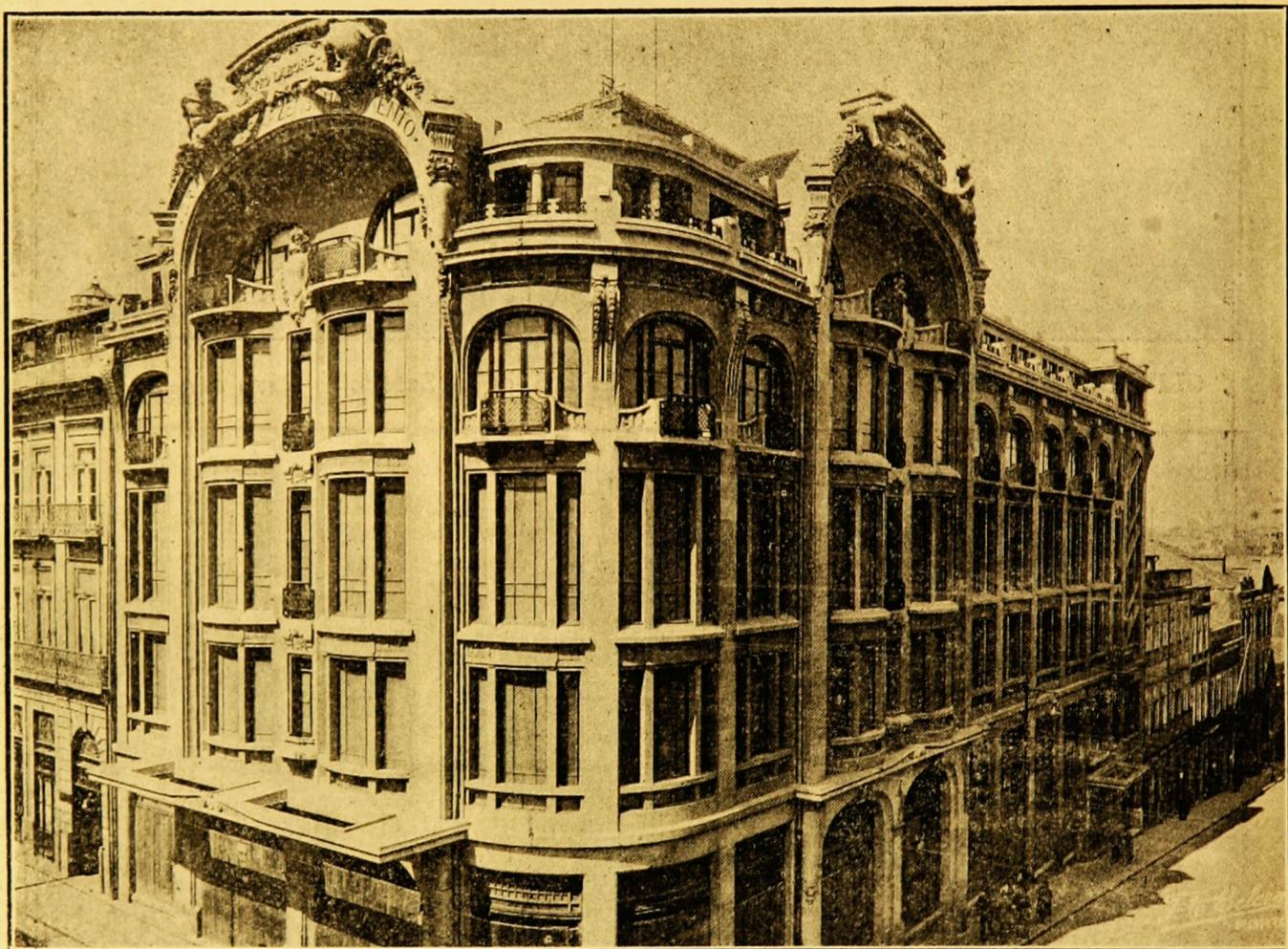
(Fot. do Dr. A. Serrão)

GRANDES ARMAZENS NASCIMENTO

A maior Casa de Moveis da Peninsula

Durante muito tempo, o Porto foi uma cidade que invejava as renovações, as belezas modernas das outras cidades. Agora, porém, invertêu-se essa inveja... Com a

*habito de sorrirmos desdenhosamente dos empreendimentos e realizações nacionais, devemos envaidecer-nos ante os **Grandes Armazens Nascimento**. Devemos orgulhar-*



Fachada dos Grandes Armazens Nascimento

*inauguração da nova séde dos **Grandes Armazens Nascimento**, o Porto causa surpresa e admiração.*

Esta grande casa comercial é, sem duvida, a maior maravilha arquitetónica da Europa. Quem correr o mundo civilizado, o mundo comercial de Paris, Berlim, Londres ou Madrid, tem que pasmar ante este monumental e moderno edificio português.

E nós, portugueses, que temos o triste

nos de que Portugal possua um edificio que causa ciúmes ao estrangeiro.

*A admiração que nos atinge quando olhamos do lado de fóra, exteriormente, os **Grandes Armazens Nascimento**, aumenta muito mais quando o visitamos, quando percorremos o universo das suas instalações.*

Este edificio, verdadeiro universo commercial, verdadeiro universo de mobílias, de interiores, distribui, desde a entrada, surpresas para todos os olhos.

A beleza dos moveis expostos chama-nos a atenção para todos os lados, para todos os cantos. E fica-se, instantaneamente, com a impressão exacta, iniludível, de que estamos numa rica Cathedral de Arte.

*E é uma impressão que toma, facilmente, o geito, a convicção de uma verdade. Em todos os objectos dos **Grandes Armazens Nascimento**, em todas as suas mobílias, em todos os seus artigos, há um lar-*

*Dentro dos **Grandes Armazens Nascimento**, chegamos à conclusão de que todos os lares, de que todas as casas, podem sêr adornados, mobilados, com requintada beleza. Percorrem-se os seus seis andares, e temos a impressão de estar visitando muitas casas com muitas dependencias, muitas casas novas, confortaveis, com risonhas dependencias, que nos agradaria habitar.*

*E' esta a grande novidade dos **Grandes Armazens Nascimento**. As suas mobílias tem scenario próprio. Estão no seu lugar, como se já estivessem ao serviço de alguém. Vemos a mobília duma casa de*



Vista parcial, interior, dos Grandes Armazens Nascimento

go sentido artístico. Há a arte do bom gosto.

Não se vê, não se encontra a arte desligada do utilitarismo. A par do conforto, da comodidade, nota-se a beleza que dispõe bem. A par do bem estar e da utilidade dum objecto de «menage» encontra-se, infalivelmente, o sorriso artístico espalhado no modêlo, no estilo, que alcança a simpatia de todos os olhares.

jantar ou a de quarto de dormir nos seus destinos. Nos logares onde devem estar. Creio que se torna, por conseguinte, muito util, muito prático, a quem compra, a quem necessita de comprar, uma cama ou um «maple», vêr êstes objectos, êstes moveis, nos seus sitios, do que vê-los muito longe. Onde não se possa apreendêr o efeito, o seu aspecto.

Tudo é arte e confôrto naquilo que es-

tá à venda nos **Grandes Armazens Nascimento**. Mas, não se suponha, porém, que só os ricos, os que desencantaram a fe-

As secções de preços sem exageros. De preços módicos.

As tapeçarias ricas ou as mobílias prin-



Um interior dos Grandes Armazens Nascimento

licidade, o podem adquirir. Aquêles que tem de olhar, de obedecer a orçamentos restritos, encontram lá também as suas secções.

cipescas esperam, aguardam, os que as podem adquirir. Mas, perto delas, há mobílias, tapetes, adornos e moveis, para os la-

res das familias com recursos exiguos. E são, precisamente, êstes os móveis que mais agradavelmente nos surpreendem. Porque sendo baratos, são, como os mais caros, como os mais ricos, igualmente encantadores; igualmente artísticos.

*

Trouxemos para Braga as melhores impressões desta grande casa, que, amavelmente, nos convidou a visita-la. Cremos bem, que os nossos leitores sentirão, imaginarão, pela resenha que fazemos dessa visita, o magnifico aspecto dos incomparáveis, **Grandes Armazens Nascimento**.

Não se suponha que exageramos neste elogio voluntario, neste elogio sem pedidos. Sentimos, sòmente, o desejo de felicitar a grandeza industrial da nossa patria. Os

Grandes Armazens Nascimento, são o maior monumento à nossa industria; pois que sendo todas as suas mobílias, todos os seus artigos, na generalidade, construidos nas suas fabricas, atingiram o maximo da perfeição no confôrto e na solidez.

Como nota final, e para aguçar o interesse dos nossos leitores informamos que os **Grandes Armazens Nascimento**, vendem tudo que é necessario para montar uma linda casa. Não se encontram só os moveis, essa grande familia de camas, cadeiras, estantes, guarda-fatos ou secretarias, que são indispensaveis. A par destas coisas, encontram-se secções de aparelhos radio-telefonicos, livros, trens de cosinha e flôres. Tudo que uma mulher moderna precisa na sua casa, pois que o lar deve ser considerado o paraíso do confôrto para que seja considerado o altar do espirito.

— As mulheres persas —

A BELEZA mais digna de menção da mulher perça consiste nos olhos, que exercem uma atracção irresistivel; e como, em geral, é essa a unica parte do rosto que se vê, póde-se supôr que os traços fisionomicos correspondem ao encanto do olhar.

Habil na arte de se aformosear, ela não ignora nenhum dos segredos com o auxilio dos quaes o artificio póde aumentar a sedução. Alonga as sobrançelhas e corrige, primorosamente, os defeitos que possam ter as linhas do rosto.

De estatura média, as persas não são destituídas de elegancia nem de distincção; no campo, o habito de trazer á cabeça pesados fardos imprime-lhe ao andar certa majestade.

Nota-se, mais no campo do que nas cidades, a pureza do tipo. As mulheres têm um físico extremamente agradável, as mãos são finas e os dedos terminam em unhas bem feitas; em compensação, porém, os pés são grosseiros

e não oferecem, por assim dizer, um feitiço definido.

As mulheres persas pintam, communmente, de azul, por meio da *vesmeh*, ou de castanho avermelhado, com o recurso do *henne*, os cabelos, que seriam pretos. Uma mulher distincta divide a cabeleira em duas partes, fazendo uma risca no meio da cabeça e mechas empomadadas de quinze centímetros, que contornam o rosto.

Aquelas que não possuem cabelos muito longos, empregam postiços.

Houve viajantes que afirmaram ser na Persia a mulher considerada como um ente destituído de alma. Essa informação é erronea, porquanto no Alcorão lhe são attribuidos varios deveres religiosos.

Na Persia, o casamento é para a mulher uma necessidade iniludivel. No *Shara*, ou livro sagrado, o celibato é definido como um mal peor do que a morte. São, por isso raras as que se não casam.

As questões de ordem pecuniária constituem os motivos determinantes dos casamentos, tornando-se, assim, vulgares as uniões em que os maridos são mais idosos do que as esposas, porque eles se mostraram poucos exigentes quanto á fortuna.

Raramente se consultam, na questão matrimonial, os principaes interessados.

termediaria atráe á sua casa a noiva, e ahí o futuro esposo, occulto atrás de um biombo, a espreita.

O casamento efectua-se por intermedio de dois sacerdotes ou *mollahs*, a cada um dos quaes os nubentes delegam os seus poderes. Quando os *mollahs* se retiram da casa, o noivo é conduzido a uma sala, onde, entre varias mulheres, vê a esposa, que não assistiu á cerimonia.

Ao joven casal é oferecida, então, uma bandeja, que contem doces e moedas; comem alguns *bombons* e o resto despeja-se-lhes nos hombros.

A persa, durante os primeiros anos do casamento, permanece sob o dominio da sogra, encarregada de a iniciar nos encargos domésticos.

O Alcorão auctorisa o marido a *bater a sua*



BRAZIL — Itaremê — Uma procissão presidida por um Padre nosso compatricio.

Ha na Persia a preocupação de manter intacta a integridade do patrimonio familiar. Isso explica porque as familias se unem entre elas, sendo frequentes as alianças entre primos-irmãos; mas, por uma curiosa anomalia, é proibido o consorcio entre parentes que sejam filhos de primos no primeiro gráo.

Os agentes matrimoniaes são veneraveis matronas denominadas *dallalah*, que frequentam todas as casas. Desde que descobrem uma joven persa que ao seu vêr, possa convir a um determinado mancebo, convidam-no a visitar a familia. Na segunda visita, se a impressão foi boa, a questão de interesses é largamente discutida.

Teoricamente o candidato só deve vêr o rosto da noiva depois da cerimonia do casamento; mas, na pratica, a in-

mulher legitima, como se fosse sua escrava. Se o esposo tem queixas da consorte, póde recorrer ao divorcio. Basta para isso que, perante uma testemunha, e por três vezes diferentes, ele pronuncie: «Enti takekun», o que significa: «Eu repudio». Proferidas essas palavras fataes, a mulher véla-se e, durante um mez, não abandona os aposentos; decorrido esse prazo, é repelida pela familia.

Na Persia, ao marido atribue-se uma situação privilegiada. Não se lhe nega o direito de atrair novamente ao lar doméstico a esposa que repudiou, desde que ela haja contraído, no intervalo, outra união.

A despeito de todas as facilidades que o divorcio apresenta, é menos frequente do que se poderia imaginar, por-

As linguas de Galiza ambas eram atigamente quasi uma mesma nas palavras, nos ditongos, e na pronunciação que as outras partes de Hespanha não tem.

quanto o esposo que repudia, tem o dever de restituir á mulher a soma integral que no contracto lhe foi reconhecida.

Por seu turno, a esposa póde teoricamente, recorrer ao divorcio. Nesse intuito, confia ao *mollah* da sua paróquia as queixas que tem do marido e, pronunciando a formula tradicional, mostra a sóla das sandalias. Mas, o esposo, nesse caso, guarda para si, inteiramente, o dote da mulher.

O nascimento de um filho constitue uma ventura. A escolha do nome que cumpre aplicar á creança, dá logar a uma cerimonia curiosa. O pae reune, num grande banquete, os sacerdotes e as pessoas mais importantes da localidade, e, deante do menino, inscrevem-se cinco nomes em igual numero de papeis, colocados depois entre as folhas do Alcorão. Tira-se á sorte o numero da pagina do livro santo; e o nome que se achar na folha indicada, será o do recém-nascido.

O nascimento de uma filha é considerado uma calamidade. «Ela é um dom de Deus; nós nos devemos resignar», dizem, tristemente, os paes.

A vida das mulheres persas é vegetativa: passam o tempo a comer *bonbons*, a fumar a *kalian* e a perfumar-se com excesso. E' um proverbio indigena o que disse Schopenhauer: «As mulheres têm cabelos compridos e idéas curtas».

As camponezas auxiliam, porém, os maridos nos rudes trabalhos da terra.

A mulher persa viaja pouco, e quando o faz é em peregrinação. Para isso, as princezas utilizam-se dos *takht-i-ravan*, elegantes liteiras, carregadas por asnos; as burguezas viajam em *ca-colets*, especie de caixas de madeira, fechadas por cortinas.

Quanto ás camponias, percorrem as estradas na garupa dos cavalos ou dos asnos, acompanhando os maridos.

E' essa, de um modo geral, a vida da mulher persa, menos penosa, sem duvida, do que alguns historiadores têm afirmado.



Padre Bento Gonçalves de Araujo, paroco em Itaremé, Brasil, natural da visinha freguezia de Prado, onde há pouco regressou.

Da qual lingua galega se avantajou tanto a portuguesa, quanto vemos na cópia e elegancia dela. O que se causou por em Portugal haver reis e corte, que é a officina onde os vocabulos se forjam e pulem, e donde manam para os outros homens, o que nunco houve em Galiza.

ANECDOTAS HISTORICAS

Cria corvos

Os parciais de Valentiniano o queriam obrigar a que fizesse coisas contra o seu gosto. E ele lhes respondeu:

— Vós elegeste-me de vontade, eu vos farei obedecer por força.

Sem tropeçar

Dizia Bion Boristenes que era tão facil o caminho para o outro mundo, que até com os olhos fechados se ia por ele.

Cumprimentos

Era Tomás More, o celebre sociologo inglês, muito gentil, e falava a lingua latina com muita pureza e elegancia. Isto tambem sucedia com Erasmo; este porem, extramamente disforme. Um e outro não se conheciam, senão de nomeada. Encontraram-se, por acaso, em Flandres, e como discorressem ambos em latim, Erasmo, admirado da grande locução do Inglês, lhe disse: *Aut Angelus, aut Morus*. Ao que respondeu prestamente: *aut Erasmus, aut Diabolus*.

*

A timidez da velhice compõe-se de tudo o que póde haver de mais doloroso: o sofrimento de não inspirar mais interesse e a altivez de receiar o ridiculo.

M.^{me} de Stael.

*

O homem verdadeiramente forte é aquele que alcança uma victoria contra os seus proprios instinctos.

Mahomet.

*

Devo todos os meus sucessos na vida ao facto de me achar sempre, em qualquer circumstancia, com um adeantamento de um quarto de hora.

Nelson.

*

Uma alma elevada coloca-se acima da injuria, da injustiça, e da zombaria; ela seria invulneravel, se a compaixão não a fizesse sofrer.

La Bruyère.

*

A calunia é uma especie de moeda falsa: muita gente que não a emitiria, nenhum escrupulo manifesta em lhe dar circulação.

Condessa Diana.

*

A solidão é a morada natural de todos os pensamentos; é ela que inspira o poeta, que anima o artista e cria o genio.

Lacordaire.

*

A alma da liberdade é o respeito à lei.

Théophile Gautier.

*

Não tentes eliminar em ninguem as opiniões que o tornam feliz, se não lhe pudéres incutir conceitos melhores e mais consoladores.

Lavater.

*

Quando adoptares uma grande resolução, considera o resultado, e não as dificuldades.

S. João Crisostomo.

*

O maior inimigo da mulher é o tédio.

P. Janet.

*

Os grandes corações não podem ser felizes: falta-lhes a felicidade dos outros.

A. Chénier.

*

Quereis que seja favoravel a opinião a vosso respeito? Não vos elogieis.

Pascal.

*

Mesmo austeramente, os homens só podem ser governados com doçura e conciliação.

Lacordaire.